



6 DE ABRIL, “E Se fosse eu? Fazer a Mochila e Partir”

A Plataforma de Apoio aos Refugiados (PAR), em colaboração com a Direção-Geral da Educação (DGE), o Alto Comissariado para as Migrações, I.P. (ACM, I.P.) e o Conselho Nacional de Juventude (CNJ) prepararam o lançamento de: “E se fosse eu? Fazer a mochila e partir”, uma iniciativa de sensibilização das crianças e dos jovens para as dificuldades vividas pelos refugiados fugidos da guerra que procuram proteção humanitária.

Esta atividade levou ao envolvimento de várias turmas dos segundo e terceiro ciclos da escola, com a parceria do Clube Europeu e do projeto *eTwinning*, através da visualização do material audiovisual disponibilizado e da partilha das reflexões sobre o que cada aluno colocaria na mochila na situação de refugiado. Para tal, os alunos desenharam o que levariam e explicaram o motivo da sua escolha e se conseguiriam viver apenas com esses objetos.

O que os alunos afirmaram:

“Talvez não conseguisse sobreviver muito tempo só com estes bens, mas saberia que estava a dar o melhor de mim e pelos que amo para tentar melhorar as nossas vidas.” “Eu escolhi estes objetos



Ilustração de Marlene Oliveira - Foto: Cecília Sarmento

para conseguir sobreviver num mundo desconhecido e lembrar-me de que não estou sozinha, que tenho sempre pessoas que, mesmo distantes, estão a cuidar de mim.” **Marlene Oliveira, 9º ano.**

“Estas coisas são essenciais para sobreviver, com objetos que trazem recordações de uma vida constituída por projetos, sonhos e uma família.” “Eu levava estes objetos porque a maior parte são essenciais à sobrevivência e os outros são objetos que carregam memórias de quando fui feliz.” **Raquel Ramos, 9º ano.**

“Claro que viver com estas coisas não é nada, comparada com todos os objetos que temos em nossa casa, e não estou a imaginar como era capaz de viver sem todos os objetos que hoje em dia temos, mas que aos quais damos tanto valor. Eu acho que estamos habituados a ter tudo na vida e quando nos falta uma coisa, por mais insignificante que seja, ficamos logo aborrecidos. A verdade é que se ficássemos sem comer, sem beber e sem a nossa família, só aí é que íamos dar o valor à vida.” **Beatriz Guedes, 9º ano**



Mochila de uma aluna do 6º ano - Foto: Luísa Santos

Profª. Cecília Sarmento Morais